

DOS DISPOSITIVOS CIVILIZADORES NA ROTINA DAS INSTITUIÇÕES E SUA INSERÇÃO NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA¹

Dr. Alexandre Fernandez Vaz

Drda. Ana Cristina Richter

Ms. Carmen Lucia Nunes Vieira

Ms. Michelle Carreirão Gonçalves

Resumo: O presente trabalho faz parte de uma pesquisa cujo objetivo foi registrar e analisar práticas pedagógicas de Educação Física na educação de crianças de zero a seis anos, em três instituições públicas de um município do sul do Brasil, onde foram realizadas observações sistemáticas das aulas de Educação Física, entrevistas com as professoras dessa disciplina e com outros atores, além da análise das diretrizes do município, dos Projetos Político Pedagógico de cada instituição, de relatórios de aula realizados pelas próprias professoras. Na busca por romper com *modelos escolarizantes*, as aulas de Educação Física encontram *lugar* em outros momentos que não aquele que lhe é convencional, tal como os momentos de sono, de alimentação, de parque, de entrada e saída, de atividades orientadas que compõem o cotidiano institucional, como também nos *entremomentos* (nos deslocamentos, nos agrupamentos), revelando-se como *tempos* permeados por *dispositivos civilizadores*, quando o investimento sobre os movimentos e gestos e, em última análise, sobre o corpo, tende a se expressar de forma marcante.

Palavras-chave: Educação Física; Educação Infantil; dispositivos civilizadores.

Notas Introdutórias

Nos últimos anos, pesquisadores da área da Sociologia e da Educação, entre outros, têm se ocupado de trabalhos sobre os ambientes educacionais da pequena infância, tendo como objeto de preocupação a própria criança: seus processos de constituição, suas culturas, suas capacidades intelectuais, criativas, estéticas e emocionais (ROCHA, 1999).

¹ O trabalho é resultado parcial do projeto *Recuperación de buenas prácticas educativas escolares en los niveles inicial, primario y medio* (UNLP/UFSC/UFPR), financiado pelo Ministério da Educação da República Argentina, nos marcos do Programa de incentivos para a formação de redes de pesquisa na América Latina – REDABRA –, sob a coordenação geral de Ricardo Crisorio (UNLP), e do projeto *Documentação, sistematização e interpretação de boas práticas pedagógicas nos processos de educação do corpo na escola*, financiado pelo CNPq, Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, Brasil (apoio financeiro pelo Edital Pro-sul 2008, bolsa de produtividade em pesquisa, bolsa de apoio técnico).

Nessa perspectiva,

busca-se romper com modelos escolarizantes que se destinam à infância em situação escolar, sendo que “o aspecto cognitivo privilegiado no trabalho com o conteúdo escolar, no caso da educação infantil, não deve ganhar uma dimensão maior do que as demais dimensões envolvidas no processo de constituição do sujeito-criança, nem reduzir a educação ao ensino. [...] estão em jogo na Educação Infantil as garantias dos direitos das crianças ao bem-estar, à expressão, ao movimento, à segurança, à brincadeira, à natureza, e também ao conhecimento produzido e a produzir (ibid, p. 63-4).

Isso implica numa proposta de trabalho que contemple as *múltiplas linguagens* infantis e rompa com modelos pautados nas disciplinas escolares que fragmentam os conteúdos e determinam o tempo de trabalho dos pequenos. A Educação Infantil, diz-se, não é escola; atende crianças e não alunos. Essa configuração do campo e a busca por um distanciamento da infância em situação escolar colocam em xeque a organização curricular pautada em períodos ou carga-horária ministrados por professores de diferentes disciplinas, tal como se vê no ensino fundamental. Esse distanciamento de um modelo escolar instituiu uma situação paradoxal no caso da Rede Municipal de Ensino de Florianópolis, que conta desde 1982, com a presença da área/disciplina da Educação Física em suas unidades.

No presente texto apresentamos resultados de uma pesquisa realizada em três instituições públicas de Educação Infantil da Rede Municipal de Ensino de Florianópolis/Brasil, com um extenso conjunto de observações, análise de relatórios organizados pelas professoras de Educação Física, entrevistas com estas e outros atores institucionais, entre junho e novembro de 2007. Consideramos também as diretrizes do município e os PPPs institucionais.

Os campos investigados caracterizam-se por duas creches que recebem, em período integral, crianças entre 0 e 6 (5)² anos e por um Núcleo de Educação Infantil (NEI) que atende crianças a partir dos três anos, meio período. Tais instituições, apesar de suas especificidades, propõem uma prática de Educação Física que busca desvincular-se de *modelos escolarizantes*. Nelas a Educação Física não está posta como uma disciplina com tempo rígido, espaço específico, sendo que as professoras da área participam,

² Paulatinamente, as creches e pré-escolas atenderão crianças até os 5 anos de idade, dada a nova legislação educacional brasileira que regulamenta o Ensino Fundamental de 9 anos, a Lei 11.274/2006.

atuam e se envolvem nos momentos de chegada e de saída, nas práticas alimentares, nos períodos de higiene, de parque, e de atividades orientadas que compõem a rotina institucional.

A partir dessa nova configuração, analisamos questões que dizem respeito aos *dispositivos civilizadores* que permeiam os espaços e tempos em meio aos quais essa disciplina se incorpora, atua, transita. Trata-se de tentar verificar alguns dos movimentos do/sobre o corpo infantil, ou, mais especificamente, de dispositivos pedagógicos que sobre ele incidem, a partir de uma relação entre os *cuidados de si* e a Educação Física.

Dos Dispositivos Civilizadores na rotina das instituições pesquisadas

De acordo com os Referenciais Curriculares Nacionais para a Educação Infantil, a *rotina* deve ser adotada como estrutura didática que determina o tempo de trabalho nas instituições, orientando as ações de crianças e professores e as percepções infantis acerca do tempo e espaço. Essa rotina envolve os momentos de entrada, de saída, de higiene, de sono, de parque, de atividades orientadas, de alimentação e de Educação Física, no caso das redes de ensino que a integram em seu currículo, caso de Florianópolis. As diretrizes que orientam a Educação Infantil desta cidade, apontam para a necessidade de construir uma Educação Física *mais próxima* das crianças e que tenha como eixo principal do trabalho pedagógico o *brincar, o interagir e o manifestar-se por meio de diferentes linguagens* (SAYÃO, 2004).

A Educação Física destinada aos pequenos vem encontrando outras configurações no âmbito de atuação nas instituições, procurando descaracterizar seu atributo disciplinar: saiu de seu tempo privado, especializado, circunscrito pelo relógio, para converter-se em Educação Física *da* instituição e não mais *na* instituição. Todavia, uma vez que o tempo determina a estrutura do cotidiano desses ambientes educativos por meio da rotina, a Educação Física encontrou como alternativa emaranhar-se nesses “imutáveis” horários, especialmente nos períodos de *alimentação*, de *higiene* e de *sono* que, unidos, vêm conformar um conjunto de intervenções ligadas aos cuidados de si.

Embora não possamos de fato compartimentalizar aspectos relativos à civilização das condutas em ambientes educacionais, organizamos as linhas abaixo em categorias no intuito de enfatizar alguns elementos que determinam a composição de um *esforço civilizador*. Os campos pesquisados revelam a presença firme, constante e invariável de técnicas, cuidados, estratégias de dominação do corpo: dessa natureza disforme, indisciplinada, mesclada, indeterminada e que ameaça a “saúde” do indivíduo particular e da nação. A educação na/da infância empreende constantes esforços no sentido do processo civilizador, aos quais os indivíduos “são automaticamente submetidos desde a

mais tenra infância, em maior ou menor grau e com maior ou menor sucesso” (ELIAS, 1994, p. 15) e, cabe ressaltar, de modo não isento de violência ou sofrimento, dada a necessidade de controlar o corpo e dominar a natureza, reprimindo e superando tendências vistas como naturais e como antítese da vida civilizada. Estes *dispositivos civilizadores* encontram espaço nos momentos de alimentação, de higiene e do sono, relatados a seguir.

Momentos de Alimentação

Durante os momentos de alimentação, percebe-se o emprego freqüente de elogios àquelas crianças que evitam desperdícios e revelam boas maneiras ao comer, além do reforço à necessidade de manter o corpo bem nutrido para manutenção da saúde.

As professoras seguem falando sobre como as crianças devem agir com relação à comida: a quantidade que devem colocar no prato (atentar para o desperdício); que é preciso mastigar bem e comer mais devagar; não devem derrubar comida na mesa ou no chão (...) Depois, alguém bateu na mesa e a professora: 'não bate na mesa! agora é hora de comer"'. (Campo 3, 24/08/07)

As crianças são estimuladas a se alimentar de forma saudável, por meio de uma dieta que oferece, entre outros alimentos, frutas, verduras e legumes orgânicos. Isso aparece relacionado ao objetivo de livrar os pequenos daqueles hábitos que conduzem à obesidade, ou a carência de vitaminas que favorece a manifestação de doenças; é preciso estar atento à preservação e à manutenção de um *corpo saudável*.

Momentos de Higiene

O trabalho dos funcionários nas instituições pesquisadas proporciona um espaço asséptico no qual se integram os esforços das professoras em combater os riscos de doenças, excluir odores do corpo em troca das fragrâncias do sabonete, do xampu, dos produtos de limpeza, como podemos ver na cena abaixo:

Entra a auxiliar e conduz as crianças que já lancharam ao banheiro para lavarem as mãos. (...) A professora convida uma menina para levantar, lavar o rosto, fazer xixi. (...) A professora convida para lavarem o rosto, as mãos e retornarem à roda para “passar creminho nas mãos.”. (Campo 1, 01/08/07).

O cuidado com a limpeza, bem como o controle das necessidades fisiológicas dos pequenos, são preocupações constantes dos adultos responsáveis por eles. Não se pode descuidar em momento algum da assepsia corporal – ao se destacar constantemente a importância de lavar bem as mãos, o rosto, de escovar os dentes após a alimentação, de

limpar o nariz quando este está “escorrendo” (atitude realizada, na maioria das vezes, pelas próprias professoras) –, nem tampouco dos espaços. Este fato parece indicar uma relação entre espaço e corpo, como se aquele fosse uma extensão deste e, por isso, também devesse ser higienizado a fim de evitar feridas, marcas, doenças ou quaisquer vestígios que lembrem desordem, sujeira, desorganização, imprecisão. Noutros termos, essas ações se movem em direção à eliminação de tudo que lembra a natureza não totalmente dominada, não controlada.

Momentos do sono

A presença da “hora do sono” é usual apenas nas creches, onde as crianças permanecem em período integral. A obrigatoriedade de um momento de recolhimento ocorre numa das instituições. Já na outra, só dormem as crianças que sentem vontade, havendo uma maior “liberdade” de escolha por parte dos pequenos. As cenas abaixo retratam esses momentos.

Chegamos à sala, os colchões já estavam arrumados para o “hora do sono”. (...) Por volta das 11h40min as crianças são encaminhadas para os colchões. C. reclama que alguém pegou o seu colchão. S.H. orienta a menina para que pegue outro. K. liga o CD de músicas orquestradas (...) As crianças não se acalmam. Poucas estão descansando. (...) F. chega à sala e diz para S.H. que agora é hora de dormir e não de contar histórias. (Campo 2, 23/11/07).

Entramos no grupo M3. Três crianças dormem ao som de música suave. (...) Uma criança avisa que a outra deve acordar e a professora diz: “calma, deixa ela se espreguiçar, levantar devagarzinho.” (Campo 1, 01/08/07).

Os períodos destinados ao descanso das crianças são também permeados por práticas de assepsia, tais como a limpeza e disposição de colchonetes pelas salas ou, a exemplo da situação registrada em diário de campo, quando uma menina guarda o travesseiro utilizado para dormir e a professora intervém: “guarda na janela para pegar sol” (Campo 1, 01/08/07).

Aliado aos outros dispositivos, os períodos de sono aparecem atrelados a discursos sobre a qualidade de vida, vinculados ao relaxamento dos músculos, diminuição dos ritmos circulatório e respiratório, do evitamento de situações como as oscilações de humor, desatenção, falta de vigor e outras características de uma vida vista saudável.

Embora haja diferenças no *manejo* dos momentos de sono nas instituições pesquisadas, estes períodos aparecem como constitutivos e contributivos para saúde, determinada pelo controle da limpeza, da ventilação.

Notas finais

Em meio aos novos contornos que a Educação Física da/na Educação Infantil vem desenhando e de sua inserção nos demais momentos da rotina institucional, conserva-se o esforço coletivo de adaptação dos pequenos ao mundo civilizado que, embora com distintas nuances, está sempre presente e a serviço da regulação das relações que exige a vida em sociedade. Nesse movimento, as professoras de Educação Física não se constroem em limpar os narizes, em cuidar da alimentação, em participar da “hora do sono”, em mostrar o que é “certo” e o que é “errado” corporalmente.

Ao se *combinarem* ou se *misturarem* com os demais momentos da rotina, as aulas de Educação Física ganham uma nova configuração que aponta para uma série de *dispositivos civilizadores* que, transpassando as horas e atravessando o dia-a-dia das instituições, demarcam a presença de uma *pedagogia do corpo* nesses ambientes e se relacionam aos *cuidados de si*.

As práticas pedagógicas das professoras, embora distantes de outras formas de controle e ajustamento, tal como aquelas contidas em determinadas tendências pedagógicas da Educação Física enraizadas no mero domínio das habilidades psicomotoras ou na instrumentalização do movimento (SAYÃO, 1999), não deixam de revelar ações contra tudo aquilo que parece excessivo, descontrolado, mais próximo à natureza. Durante as aulas de Educação Física, as crianças devem vestir velhas camisetas para fazer uso de tinta e argila, retirar os casacos para evitar o calor, beber água para se manter hidratadas, ter seus narizes limpos, fraldas trocadas, bocas lavadas, choros velozmente interrompidos.

A busca pela ordem, pelo asseio, pela segurança, pela proteção, parece compor um conjunto de processos sócio-sanitários, não isentos de certa busca pela *neutralização* da sujeira, da doença, da infância e seus desajustes, conforme apontamos anteriormente, tornando as crianças *independentes*, capazes de gerir seu próprio corpo por meio da aprendizagem do autocontrole e, ao mesmo tempo, potencializando pequenas vidas. No paroxismo da relação entre independência e autonomia³, os cuidados de si encontram seu destino na educação do corpo. Resta saber, nas trilhas da prática pedagógica que se ocupa das crianças, a medida do movimento dialético que dá forma à educação do corpo. Em outras palavras, a medida da educação do corpo entre seu necessário controle e sua conservação como um *outro* a recordar nossa condição, também, de natureza.

³ Apoiamo-nos no pensamento de Adorno (2000), considerando a autonomia na tradição dos ideais de formação: auto-reflexão crítica e não identificação com o meramente existente.

Referências

ADORNO, T. *Educação e emancipação*. 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

ELIAS, N. *A Sociedade dos Indivíduos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.

ROCHA, E. A.C. *A pesquisa em educação infantil no Brasil: trajetória recente e perspectiva de consolidação de uma pedagogia da educação infantil*. Florianópolis: CED/NUP/UFSC, 1999. 290 p. (Teses Nup, 2).

SAYÃO, D. T. *Educação física na pré-escola: da especialização disciplinar à possibilidade de trabalho pedagógico integrado*. Florianópolis: UFSC, Programa de Pós-graduação em Educação, 1996. (Dissertação de mestrado em Educação).

SAYÃO, D. T. *Infância, Educação Física e Educação Infantil*. Secretaria Municipal de Educação/SME. Divisão de Educação Infantil. Prefeitura Municipal de Florianópolis/PMF. Florianópolis, 2000.

_____. O fazer pedagógico do/a professor/a de Educação Física na educação infantil. In: SANTA CATARINA. PMF. SMEI. *Caderno de Formação-Divisão de Educação Infantil*. Florianópolis, 2004. p. 29-33.